

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meliorem  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

AD PHILIP. 3. 12.

ID. 13. 14.

**SUMMARY:**—*O monte-pio do Clero, ou a veneravel irmandade dos clerigos pobres*, pela redacção.—Secção Religiosa: *Algumas considerações sobre o baptismo*, pelo Padre Joaquim José Soares; *O Funchal aos pés do Papa*, por um amigo do «Progresso Catholico».—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 9.º*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *A questão agraria da Madeira—Solução do problema*, por José Carlos de Faria e Castro; *O Duelo*, por Francisco de Bourbon Peizoto.—Secção Litteraria: *A Caridade*, poesia, por A. Moreira Bello.—Secção Illustrada: *XXX, Quebec, cidade ingleza na America*; *XXXI, O barbarismo no seculo das luses*; *XXXII, Pia baptismal da Sé de Braga*; *XXXIII, Em peregrinação*; *XXXIV, Templo de Elorá na India*, por R.—Secção Bibliographica: *Canoineiro de Leão XIII*, por A. B.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.

**Gravuras:** *Pia baptismal da Sé de Braga*; *Em peregrinação*; *Templo de Elorá na India*.

## O MONTE PIO DO CLERO

### OU Veneravel Irmandade dos Clerigos pobres

† E alguém, meio seculo antes se lembresse de fundar em Portugal um Monte Pio para o Clero, mereceria o maior dos ridiculos, porque o Clero portuguez então era rico, possuia o bastante para viver, e, como na sua maior parte pertencia ás Ordens Regulares, tinha o seu futuro feito desde o dia em que ingressava em qual-quer religião.

Não tinha, como hoje, de cuidar do dia de amanhã, não temia a velhice, a decrepitude, porque a esse tempo já outros seus irmãos, que depois foram ao convento em busca do saber e da virtude, haviam tomado os cuidados da casa, que sempre estavam mais sob os cuidados da Providencia que dos homens, e assim, o frade ao reclinar a fronte na borda da sepultura, não carecia dos meios necessarios para as despesas, nem, na doença, cuidar dos meios para occorrer ás despesas d'ella.

Era então feliz o Clero! E dizemos que era feliz o Clero, porque mes-

mo os que não fossem frades, em horas de menos abundancia, achavam no convento o que não tinham em casa. Era então feliz o Clero!

Mudaram os tempos, fortes rajadas de ventos revolucionarios varreram da superficie da terra os conventos, secularisaram o Clero, fizeram d'elle um mercenario á mercê dos vae-bens da sorte, procurando o trabalho de todos os dias, todos os dias ao levantar-se lembrando-se de que tem de alcançar

o pão á custa do seu trabalho; e vae trabalhar.

Um dia, porém, as forças mingam-lhe, o corpo verga ao peso de muitos annos de trabalho, pouco productivo sempre, e a miseria senta-se-lhe á porta, teimosa, pavidá, sinistra, apontando-lhe todas as desventuras, mostrando-lhe a casa vazia, apontando-lhe o dia em que a fome o visitará no seu leito de dôr, em que os visinhos o vão encontrar hirto, gelado, putrido, por ceder aos horrores da miseria e da fome.

Quando se pode chegar a isto, quando um futuro tão medonho se apresenta ao fundo do nosso peregrinar nã terra, forçoso se torna que não desprezemos esse futuro, que cuidemos de o tornar menos desgraçado. Para isso foi creado o Monte Pio do Clero, que tem hoje estatutos aprovados pelo governo ecclesiastico e civil e que vae cada dia vendo crescer o numero dos seus associados.

E assim deve ser; o Clero todo deve fazer parte d'essa caridosa instituição porque quando ella seja forte, quando possa livremente exercer os preceitos da caridade, mencionados nos estatutos; n'esse dia, o Clero tem



PIA BAPTISMAL DA SÉ DE BRAGA

## SECCÃO RELIGIOSA

## Algumas considerações sobre o baptismo

alcançado uma certa independencia, que nunca lhe dariam todas as suas economias, que nunca obteria apesar de muito trabalho.

Será então o Padre independente, poderá com mais liberdade entregar-se ao estudo, prestar-se mesmo a alguns serviços sem remuneração, porque tem seguro o seu futuro, porque sabe que a miseria nunca o visitará. E além de tudo isto, e é aqui que está o principal para sustentar a dignidade do clero, para collocar essa classe no seu verdadeiro lugar, no lugar d'onde a politica o tirou, para o fazer, muitas vezes, um galopim eleitoral, um inimigo de parte dos povos que não tem as mesmas ideias politicas.

Será então livre o padre, e não receberá de se agarrar ás casacas dos influentes politicos para alcançar beneficios, porque estes lhe serão dados como recompensa dos seus serviços, como recompensa de um caracter independente e livre, porque então a stringe do sacerdote apparecerá em toda a parte como signal de paz e amor, como bandeira de progresso e liberdade, como brazão de virtude e abnegação.

Será então livre o Padre, e os povos terão n'elle um amigo, um protector em todas as suas pretensões, porque então o Padre, não sujeito aos caprichos da politica, terá em todos os governantes um amigo, seja qual for a côr da bandeira que os cubra, porque então o padre não terá outra bandeira que a cruz, outra politica que o Evangelho, e será por isso amigo de todos porque ninguem vê n'elle um inimigo.

Vamos, pois, todos inscrever-nos como associados da VENERAVEL IRMANDADE DOS CLERIGOS POBRES, com sede em Lisboa, para formarmos uma forte associação que livre o Clero das vergonhas e misérias a que, infelizmente, está sujeito.

Os R.<sup>mos</sup> ecclesiasticos que queiram fazer parte de tão caridosa associação o desejem ver antes os estatutos podem pedir-os ao Juiz da Irmandade Monseñor Alfredo Elviro dos Santos, secretario de S. Em.<sup>a</sup> o Snr. Cardeal Patriarcha.

Applaudimos mais uma vez os esforços de quem se empenhou para a fundação d'esta instituição de caridade, e desejamos, para que esses esforços fossem coroados do melhor exito, ver todo o Clero portuguez fazer parte d'ella.

A REDACÇÃO.

**D**EGAIDO o homem da dignidade em que Deus o collocára, despedaçado o sceptro de realza que empunhou no tempo doirado de sua ventura, quebrado o diadema que lhe circumdava a respeitavel fronte, e rôta, emfim, a purpura que revestia no thrôno do seu dominio, eil o resvalado no abysmo do mal que por suas proprias mãos cavára, e separado do seu Deus pela desobediencia perpetrada no Eden!

Desde então desfazem se os estreitos laços que uniam o Creador à creatura racional, e as portas da Bemaventurança, até alli abertas de par em par aquelle que é a imagem e similitude do seu Deus, fecham-se, com presteza em castigo do inaudito attentado!

O crime foi de lesa magestade divina, e sendo ella infinita,—d'aqui a extensão da pena.

Mas a par da infinita justiça de Deus refulge igualmente a sua misericordia; e o Divino Verbo reveste-se do pobre saial da humanidade para expiar uma tão grande offensa! Baixa à terra para executar a obra da Redempção, e que brar, pelo seu sacrificio, as gargalheiras da escravidão a que o homem estava acorrentado em consequencia do seu crime! Jesus sóbe ao Golgotha, e dos braços dolorosos da sua Cruz corre, em fim, o resgate da humanidade inteira.

Mas o seu amor pelos homens ainda se revela com mais intensidade O resgate da humanidade devia continuar sobre a terra humedecida pelo sangue do Justo; e para que jamais deixasse de ir por diante esta grande obra, Jesus Christo institue o sacramento do baptismo, aurea chave com que se nos abre a celeste Jerusalem. *Euntes... docete omnes gentes, baptisantes eos in nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti* (1)—diz Jesus Christo a seus Apostolos.

E a voz do divino Mestre lá vão em conquista do mundo esses pregoeiros do Evangelho: inermes, odiados do proprio povo no meio de quem viviam, não hesitam todavia, e bem depressa vêm coroados do mais feliz exito os seus trabalhos e fadigas! A sua voz retine aos quatro angulos do globo, e os filhos do erro, até alli embrenhados nas tetricas sombras da noite, correm pressurosos, alumados pelo sol da Redempção, a lavarem nas aguas rege-

neradoras do baptismo as nodoas ignominiosas da culpa, para entrarem na vida da graça. Por esse augusto sacramento, eil-os das trevas da escravidão erguidos à nobilissima dignidade de membros de Jesus Christo, e herdeiros do patrimonio da vida eterna.

Feita, pois, a Igreja depositaria d'este grande e precioso thesouro, não podia ella, como mãe extremosa, deixar de o abrir a seus filhos para ali heberem a graça santificante que por elle se lhes communica.

Porém, nossa boa mãe, a Igreja, logo nos primeiros seculos de sua existencia, não luctou somente com a perseguição sanguinaria; combateu tambem com a heresia que tentava alterar a pureza da fé.

Apparecem os valentinianos e quintilianos affirmando que a graça, como dom espiritual, não podia ser communicada por signaes sensiveis; os archonticos que regeitavam o baptismo como uma má invenção do Deus *Sebahuth*, isto é, do Deus dos Judeus que era considerado por elles como um mau principio; os seleucianos que não queriam que se baptisasse com aguas, mas com fogo (1); os montanistas que, na fórma do baptismo, aos nomes sagrados de *Padre* e do *Filho* juntavam o nome de *Montano*, seu chefe, e de *Priscilla*, sua prophetiza (2); os donatistas que affirmavam ser nullo o baptismo ministrado por um herege ou homem improbo (3); os manicheus, pau-

(1) Estes heroges empregavam o fogo, como materia do baptismo, porque S. João Baptista havia dito que Jesus Christo baptisaria seus discipulos no fogo: — *Ipse vos baptisabit in spiritu et igni*. A doutrina da Igreja é que a materia remota do baptismo é—a agua verdadeira e natural. São bom claros as palavras de Jesus Christo: — *Nisi quis renatus fuerit ex aqua et Spiritu Sancto, non potest introire in regnum Dei*. O concilio Tridentino, sess. VII, can. 11, anathematiza os que affirmam o contrario.

(2) A fórma do baptismo que sempre se empregou e emprega na Igreja Catholica, é esta: — *Eu te baptiso em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo*. O concilio Tridentino, sess. VII, c. IV, definiu que a verdadeira e legitima fórma do baptismo consiste n'estas palavras: *Ego te baptiso in nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti*, segundo o preceito de Christo: — *Euntes in mundum universum, docete omnes gentes, baptisantes eos in nomine Patris... etc.*

(3) O baptismo, a confirmação e a ordenação, são sacramentos que imprimem caracter; não podem ser repetidos.

No seculo 3.º houve uma disputa ou debate assaz vivo para saber se o baptismo ministrado pelos heroges era valido. Os bispos da Africa, e principalmente S. Cypriano, diziam que o baptismo conferido pelos heroges era nullo, e que na Africa se havia estabelecido o costume de rebaptisar os que assim o recebiam. O papa Santo Estevão oppoz-lhes a pratica da Igreja de Roma, que era universalmente seguida fóra da Africa, e muito mais antiga que a d'elles. Responde-lhes San-

(1) S. Math. cap. 28 v. 19.

licianos, massalianos, sabellianos, anabaptistas, socinianos, pelagianos, e muitos outros hereges que todos se oppunham á pratica e ensinamentos da Egreja.

Mas da pugna entre a verdade e o erro sempre aquella sae vencedora.

A Egreja triumphava de seus adversarios, e os ensinamentos d'ella, firmados pelo cunho da verdade, jamais serão desmentidos. Ergam-se embora milliares de seitas contra essa columna gigante, que ella rirá sempre de suas tentativas! Qual valente roble que zomba das tempestades, assim a Egreja allfrontará impavida os golpes de seus adversarios, sem nunca ceder da victoria! Onde os seus inimigos? Onde os Arios, os Apollinarios, os Cerinthos, os Donatos, os Socinos, os Nestorios, os Pelagios, Sabellios e tantos outros que, com mão ousada e matricida, ergueram contra a Egreja o gladio da derrota? Onde?... Morreram, e jazem a seus pés, desfeitos em pó e ruínas! E sobre essas mirradas ossadas levanta-se, firme e inabalavel como a rocha, a Egreja sempre triumphante em suas doutrinas, porque têm o sello eterno da verdade; e esta é absoluta e immutavel. Como aquelles, todos os adversarios irão esmagar-se d'encontro a este firme rochedo architectado pelas mãos da Omnipotencia, contra o qual as portas do inferno não prevalecerão jamais.

Padim da Graça—Maio de 1888.

(Continua)

P.º Joaquim José Soares.

## O Funchal aos pés do Papa

IMPONENTE foi a festividade que no passado domingo 29 d'abril presenciamos na Egreja do Collegio, para commemorar o Jubileu Sacerdotal de Leão XIII. Os seminaristas foram os iniciadores de tão pomposa demonstração, que attrahiu numerosissimo concurso de fleis que, prostrados perante o Altissimo, uniam seus votos aos dos pere-

to Estevão:—*Nil in vltur nisi quod traditum est.* O baptismo, pois, ministrado pelos hereges é valido, quando não alterem a materia ou a fórma do sacramento, e tenham a intenção de fazer o que faz a Egreja. E' a decisão do concilio de Trento, sess. VII. can. IV. Que não é precisa a fé ou santidade do ministro, dil-o ainda o mesmo concilio, sess. VII. can. XII. Os ministros proprios e ordinarios do baptismo são os bispos e presbyteros; extraordinarios, os diaconos; em caso de necessidade, qualquer homem ou mulher pôde, particularmente, baptisar ou ministrar o baptismo. Diz S. Jeronymo:—*Si necessitas cogit, scimus etiam licere laicis baptizare.*

grinos portuguezes, que n'aquella mesma occasião deviam estar prestando as suas homenagens ao Vigario de Christo.

O Ex.º Prelado diocesano abrilhantava aquelle acto com a sua presença e lia-se no seu semblante a alegria indizivel que lhe ia n'alma ao ver os seus futuros cooperadores tão intimamente ligados ao Pastor Supremo.

Foi celebrante o Rv.º Professor do Seminario Padre Carlos Acciaioly, acolytado dos Rv.ºs Padres Ernesto Schmitz e Xavier Prevôt.

Ao evangelho pregou um substancioso sermão o Rv.º Vice Reitor do Seminario Ayres Pacheco sobre a paternidade pontificia— Os bons creditos de orador sagrado que tem adquirido vieram mais uma vez mostrarse em publico n'aquelle vasto templo; e devemos confessar que produziu em todo o auditorio uma impressão agradabilissima, attendendo sobre tudo ao modo como expoz o assumpto e tratou cada uma das suas partes.

Tomou para thema o «Tu es Petrus», em seguida mostrou a grandeza do pontificado atravez de desenove seculos, perante tantas dynastias, reinos e imperios que desabaram tocados pela mão do tempo. E' a triste sina de todas as grandezas humanas!... Religiões, escolas, instituições, tudo morre; porém o Pontificado, a nova Arca da Alliança vive uma vida gloriosa sem ter os braços dos exercitos que a defendam e as riquezas dos Cresos pelas quaes se torne respeitavel.

Disse que era uma grandeza, mas que não era só isso, era tambem uma verdadeira paternidade; e, assim como o pae deve velar pela vida physica de seus filhos, assim o Papa deve velar pela vida moral, perseverando a sociedade dos perigos que a cercam, d'essas idéas materialistas que aviltam e degradam a creatura até á mais intima condição. Disse mais que o elemento de que o Papa se servia era a palavra, que nos quatro angulos da terra era acatada e reverenciada com summo respeito.

Comparou a sociedade ao Filho Prodigo—que tendo abandonado a casa paterna só pensava em ser livre.

A litteratura, sciencias e artes, era o campo em que militava, mas bem depressa começou a partilhar dos alijamentos dos animaes immundos. E então contemplando sua miseria voltou-se para seu pae «Surgam». Lá estava a paternidade pontificia de braços abertos para a receber. E que maior manifestação de respeito e amor podia a sociedade dar, do que a que teve logar nas Bodas d'Oiro de Leão XIII?! Fallou em seguida de Portugal, da sua antiga grandeza e do abatimento em que ao

presente se acha, e apontou-lhe como remedio a fé, e como ancora a Cadeira de Pedro. E terminou pedindo que nos unissemos todos em espirito a esses centenares de peregrinos portuguezes, que lá estão orando junto ao sepulchro dos Apostolos, pela felicidade da nossa patria, engrandecimento da Santa Egreja e longevidade do Summo Pontifice.

Foram estes, pouco mais ou menos, os pontos que desenvolveu com admiravel mestria. A musica tambem nos agradou muito. Foi executada pelos Seminaristas que precedentemente se haviam ensaiado com o seu habil Professor José Sarmento. Houve exposição do SS. Sacramento e *Te-Deum* no fim da missa; tendo havido uma noveva d'orações nos dias precedentes, que constava da devoção favorita do Sancto Padre—a recitação do terço—Ladainha e benção. Folgamos de ver estes actos repetidos pois são uma inequivoca prova do que hade vir a ser o futuro sacerdocio.

Aos seminaristas e Directores, os nossos parabens.

Um amigo do Progresso Catholico.

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

1.º

(Continuado do n.º anterior)

XV

#### P. Jacques Sirmond

ALLANDO SE de jesuitas sabios entre os quaes teve um logar distincto o mencionado P. Diniz Petau, não pôde esquecer o P. Jacques Sirmond, seu contemporaneo e de não inferior merecimento na republica litteraria. O jansenista Du-Pin considera-o como um dos maiores ornamentos do seu seculo.

Nasceu este insigne varão na cidade de Riom, em Auvergne (França), no anno de 1559, sendo filho de um magistrado d'aquella cidade. Desde a mocidade começou a distinguir-se nas linguas grega e latina, e na investigação das antiguidades, saindo um portento em toda a vasta litteratura. De idade de 17 annos entrou na Companhia de Jesus, onde se deu a conhecer por sua erudição.

Claudio Aquaviva, geral da Ordem, chamou-o a Roma, e alli Sirmond foi seu secretario durante 16 annos. Em todo este tempo o sabio e curioso je-



EM PEREGRINAÇÃO

suita examinou os monumentos antigos da cidade eterna e visitou as bibliothecas, enriquecendo o seu espirito de toda a sorte de conhecimentos.

Foram seus protectores e amigos em Roma os cardeaes Arnaldo de Ossat e Antonio Barberini, e teve tambem intima amizade com o cardeal Cesar Baro- nio que lhe faz muitos elogios, e a quem ajudou na composição dos seus *Annaes Ecclesiasticos*.

Regressando á França em 1608, o rei Luiz XIII o escolheu para seu con-

fessor, cargo que elle desempenhou com estima geral e que occupou quasi até á sua morte, verificada em 1651, tendo 92 annos.

O jesuita Sirmond foi mestre de S. Francisco de Sales, o que seria bastante para sua gloria.

Possuia as virtudes d'um religioso e as qualidades d'um bom cidadão, sendo d'um caracter doce. Era tão exacto na observancia da disciplina regular, que os superiores o propunham por modelo aos jovens alumnos do collegio.

Urbano VIII pretendeu eleva-lo ao cardinalado, honra e dignidade que elle recusou terminantemente; quiz conserva-lo em Roma; mas, como dissemos, regressou á sua patria, onde viveu retirado do mundo, unicamente applicado ao estudo e á oração.

Regeu o collegio de Paris, sendo notoria a sua sciencia e virtude.

Proximo á morte, dava graças a Deus por terminar seus dias na Companhia de Jesus, entre os seus confrades. Não obstante ser d'uma avançada idade,

nunca omittiu o jejum e as macerações.

O P. Jacques Sirmond deixou muitas obras eruditas sobre varios assumptos. Foi um antiquario, theologo, hellenista e litterato: nada escapou á sua investigação.

No meio das suas indagações scientificas, ainda achou tempo para combater os jansenistas, principalmente o famoso S. Cyran. As suas obras compõem-se de 8 volumes *in-folio*.

Sirmond foi no seu tempo a gloria da Companhia de Jesus; e por isso não podia deixar de ser censurado por Pascal nas suas *Cartas Provincias*. Mas a critica exercida sobre um auctor profundamente orthodoxo, estimado por todos os catholicos, cahe por terra e patenteia a calumnia.

## XVI

## P. Theophilo Raynaud

Ainda que d'um caracter bastante original, o P. Theophilo Raynaud foi um dos mais eruditos e eloquentes filhos de Santo Ignacio, sendo muito celebrado pelos sabios do seu tempo. E tambem é innegavel que possuiu grandes virtudes.

Nasceu em Sospello, condado de Nice, a 16 de novembro de 1583, e vestiu a roupeta da Companhia de Jesus em 1602.

Alguns auctores erradamente o fazem natural da França, porque toda a sua vida viveu n'este paiz; é, comtudo, certo que era italiano.

Dotado d'um espirito penetrante, d'uma imaginação viva e d'uma memoria prodigiosa, o jesuita Raynaud abraçou todos os generos de sciencias, e em todas mostrou a sua superioridade. Imitando com facilidade todos os estylos dos melhores auctores latinos, escolheu com especialidade e seguiu o de Tacito.

Causa admiração o numero das suas obras sobre diversos assumptos theologicos e litterarios: Constam de 20 volumes *in-folio*.

André du Saussay, Bispo de Poul, lhe chama *theologo de consummada erudição*; e o cardeal João Bona, da Ordem de Cister, affirmo que Raynaud é *cheio de toda a doutrina*.

Foi confessor de S. Francisco de Sales que muito o estimava por ser um religioso perfeito, observantissimo do instituto e acerrimo defensor da religião catholica.

Pretendendo algumas pessoas fazel-o sabir da Companhia, nunca quiz annuir a taes sollicitações, porque amou sempre a sua Ordem; e tambem recusou a mitra de Genebra que lhe offereceu a cõrte de Saboia. Em summa, regeitou

todas as honras para viver na Companhia como humilde religioso.

Morreu piamente em Lyon, a 31 de outubro de 1663.

Convem por ultimo notar que algumas obras, que correm com o seu nome, foram prohibidas pela Sagrada Congregação do Indes. Comtudo umas não são reconhecidas pela Companhia como partos legitimos do P. Raynaud, e outras, correctas pelo mesmo auctor, são permitidas pela congregação.

Todas as obras, que sem contestação são d'este famoso jesuita, conteem boa e sã doutrina.

Este homem tão douto e virtuoso é um dos jesuitas que mais teem sido atacados pelos inimigos da Companhia de Jesus.

(Continua).

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

## SECÇÃO CRITICA

## A Questão Agraria da Madeira

## Solução do problema

En d'esta gloria só fico contente  
Que a minha terra ame e a minha gente  
Dr. Antonio Ferroira. (*Aos Bons Engenhos*).

s'noticias que nos chegam n'esta data (1), dam-nos como proximas a apparecer tres publicações com relação á questão que nos está occupando, e que nos occupará emquanto não for resolvida a *Questão Agraria da Madeira*. Um livro do sr. conselheiro Antonio Correia Heredia, um folheto do sr. Henrique Felix de Freitas Valle, da ilha da Madeira, e o relatório da comissão enviada á Madeira para estudar a crise economica ali.

Nenhuma, pois, d'estas publicações, nos chegou ainda ás mãos (2). Todavia, com relação á comissão de inquerito podemos desde já agoirar mal d'ella. No nosso paiz, quer dizer em Portugal, nunca os inqueritos serviram de bem real.

O Governo do Rio de Janeiro em 1810 e 1811 algumas providencias deu em favor dos colonos da Madeira e Porto Santo, mandando afforar e entregar aos colonos as terras das ditas ilhas, as terras baldias, exceptuando só o Paul da Serra; e para isso creou uma comissão para vedoriar, e partir as terras.

Tal comissão nada fez, ou porque os ricos obstaram ao bem que taes providencias traziam aos desgraçados

(1) Em 19 de Março.

(2) Em 4 de Abril.

Colonos; ou porque esse trabalho era feito de graça, e a comissão não se incommodou em sair do Funchal.

Os documentos a que me refiro são de 20 de Julho de 1810 e 18 de Setembro de 1811. Se para alguma cousa serviram taes diplomas foi para os ricos se apoderarem de grande parte d'essas terras baldias, que aos pobres nada déram.

Assim presentemente funciona tambem uma comissão para indagar sobre as necessidades da Madeira, porém nada fará em favor dos colonos, porque estes, que são os mais interessados na questão da colonia, essa comissão os não ouve (?); nem vae ás localidades informar-se das necessidades dos colonos; e do que estes precisam. Não sahe do Funchal; e só ouve os proprietarios, interessados na escravidão dos infelizes colonos.

O Governo, ou o poder legislativo, precisa decretar a favor dos Colonos da Madeira medidas de alcance, e que os torne livres nas culturas, senhores do seu destino, e que a propriedade seja dos mesmos colonos, sem poderem ser excluidos do que na realidade é seu.

## Summula da historia da Colonia na Madeira

As terras da Madeira e Porto Santo foram dadas por D. Duarte ao Infante D. Henrique por carta Regia de 26 de Setembro de 1423 para elle dar *in perpetuum* ou a tempo, ou afforar todas as ditas terras.

O Infante deu-as aos fidalgos da sua casa, que as exploraram muito tempo por meio de escravos, e colonos, que representavam outros escravos.

N'esses tempos aquelles cultivadores poucas necessidades sentiam. O producto do seu trabalho era todo para os senhorios.

As terras eram então muito ferteis. A fertilidade desapareceu, os escravos tornaram-se livres; e as suas necessidades, e dos colonos, augmentaram á maneira que alguma civilização iam adquirindo, de sorte que não podem dar tanto aos senhorios, e com que estes sustentem as suas despezas, e habitos que contrahiram de não trabalharem, e nem cultivarem as suas terras.

Estudaram o meio de apanhar aos miseraveis Colonos os productos de

(1) Esta informação é digna de credito. Comtudo, já posteriormente sabemos que os *villdes* da freguezia do Arco da Calheta, em perpetuo alvoroto ali desde o principio do anno corrente, tencionavam delegar uma comissão de lavradores escolhidos d'entre elles, para convidar o meritissimo Juiz de Direito de Santa Cruz, a represental-os junto da comissão de inquerito.

suas economias, e do seu incessante trabalho. Foi o systema da *entrega*, ou *venda das bemfeitorias*.

De sorte que com tal systema o senhorio com o engodo, que dava aos colonos de tornal-os donos d'essa propriedade, apanhava-lhes o dinheiro, se o tinha economisado; e senão o tinham, pediam-n'o a troco de grandes sacrificios, de que nunca se podiam libertar, ficando na dependencia dos senhorios, entregando-lhes metade dos fructos da terra.

Este contrato sendo uma perfeita venda, ou afforamento com luvas ou entrada ao senhorio, nunca foi respeitado pelos senhorios pela faculdade que estes se arrogavam de excluir, quando quizesse, os colonos, não para tomarem por sua conta a colonia, e cultivarem as terras, por conta propria; mas para vendel-as a outros colonos, sem nunca se ter reconhecido, na Madeira, as Ordd. do Reino, Livro 4.º Titt. 40, 41, 42; nem o direito dos Colonos de deixarem a Colonia, e obrigarem os senhorios a pagar-lhes as bemfeitorias, ou que tinham feito, ou os senhorios lhes tinham vendido.

E' cahotico, pois, o estado agricola da Madeira, acarretando tal estado a desgraça dos Colonos: a uns porque não querem arrotear as terras, e fazem as grandes despezas, que isso demanda, e partirem os fructos a meias com os senhorios; a outros porque os senhorios lhes prohibem fazer bemfeitorias; e finalmente a outros, porque tendo a sua propriedade, dependente da vontade dos senhorios, não podem obter capitaes para as suas transacções e melhoramentos das culturas.

O que ha a fazer pois? E' o que vamos apresentar em duas theses decisivas.

\* \* \*

A questão que parece intrincada, grave, e atemorizadora que alguns chamarão *um socialismo, uma revolução, uma questão irlandeza*; é, quanto a mim, de facil deliberação (1).

Ha um modo directo de resolver a questão: elle é.

Fazer aos colonos da Madeira o que fez D. Pedro 4.º em favor dos da ilha do Corvo por decreto de 14 de Maio de 1832.

A justiça para aquelles não era mais manifesta e justa, do que para os colonos da Madeira. As terras da ilha do

(1) A Madeira deve eleger seus representantes no parlamento, o benemerito e illustre deputado o sr. Augusto Fuschini, e o meritissimo Juiz de Direito o sr. Bernardo Vieira Pinto d'Andrade; e a questão será elucidada, como o não será nunca sem a ajuda d'aquelles cavalheiros, por ninguem decedidamente.

Corvo tinham sido doadas pela Corôa, tambem as da Madeira o foram pela mesma Corôa.

Os habitantes do Corvo eram pobres, e miseraveis, pobres e miseraveis são os colonos da Madeira.

O Governo por aquellas causas mandou que os habitantes do Corvo só pagassem ao senhorio metade dos fructos, e nada pagassem em dinheiro; e tomou á conta do thesouro o encargo de indemnisar o senhorio; pois faça o mesmo em relação á Madeira, havendo a differença que os Colonos da Madeira pagam em prestações annuaes uma quota para amortisação do capital, que o Governo dispensar na indemnisação dos senhorios.

Esta seria a melhor fórma de acabar as grandes questões dos senhorios e colonos; e os vexames e oppressões d'aquelles para com estes.

\* \* \*

Tambem ha meios indirectos de melhorar a situação dos colonos; e n'um futuro mais ou menos proximo, ficarem livres dos senhorios. Essas medidas são:

Que os Colonos sejam dispensados de pagarem aos senhorios as aguas de rega, e matos para os adubos das suas terras, quando as aguas e matos sejam dos mesmos senhorios, considerando-se isso como accessorio e pertença das terras, que os colonos colonizam dos mesmos senhorios.

Que nas alienações, e vendas das terras dos senhorios, quer particulares, quer publicas, isto é, judiciais, os respectivos colonos sejam preferidos tanto por tanto, sendo nullas as vendas, ou trocas, em que senão observem taes preceitos.

Que os senhorios paguem aos colonos as bemfeitorias em certo praso; e quando o não façam, os colonos só paguem o 3.º dos fructos da Colonia, por quanto é da essencia d'este contrato, ou da parceria os Colonos só darem o trabalho, e os senhorios as terras preparadas para os Colonos cultivarem.

Que de futuro seja prohibido aos senhorios receber dinheiro dos Colonos a titulo de entrega de bemfeitorias, e quando o façam, se entenderá que o contrato foi de venda, podendo o colonos pagar a respectiva contribuição de registo, e nunca mais poder ser excluido da Colonia.

Que os Colonos não possam vender as suas bemfeitorias sem as offerecer ao senhorio, que terá a preferencia tanto por tanto.

\* \* \*

Em conclusão. Só assim, é que a

agricultura, e a riqueza publica se desenvolveria espontaneamente, porque os Colonos estão prohibidos de fazerem bemfeitorias, e casas de telha, e só a muito custo lhes deixam fazer palhoças.

Portanto libertados os Colonos de taes peias a materia collectavel augmentaria prodigiosamente, e a Madeira, esta minha terra de encantos, deixaria, para sempre, de ser terra de villões para ser patria de gente civilisada.

J. C. de Faria e Castro.



## O Duello

UMA sociedade corrupta, frivola, apaixonada e escandalosa é igneo vulcão que, ao resfolegar horrisono, medonho, pavoroso, com cavos e roufenhos arquejos, sepulta nas candentes lavas de suas ardentissimas erupções, um ou outro principio que brota são e puro, uma ou outra lei que surge exemplar e digna, como a bonina mimosa que muitas vezes desponta a custo enteiada nas agras puas das urzes e nas pungentes settas dos cardos.

A sociedade que jaz aviltada em o nauseabundo tremedal do vicio e atolada no repugnantissimo chavascal do crime, chafurdando-se, revolvendo-se e tentando innocular sua baba ascosa e esterquilinio no gongo no que ha de mais bello e decente, é uma vibora dolosa que gotteja de todos os póros filtros de veneno corrosivo; é um abutre sangui-sedento que distilla de suas garras aduncas bagas de peçonha deleteria; é um chacal rancoroso que embacia com halito mephitico os polidos e alvinitentes espelhos que fielmente tratam a verdadeira nobreza de caracter e dignidade, os solidos brios de cavalheirismo e honradez.

Um dos casos porque mais vulgarmente se manifesta uma sociedade putrida e estagnada, é por meio do duello, esse combate singular ferido entre duas pessoas que anticipadamente combuiam o logar, tempo e armas, esse requinte d'absurdos, esse cumulo de loucuras, essa enormidade de contra-sensos que a razão natural condemna, a bôa educação prohibe e a moral christã acerba e atrozmente flagella.

Nem a vingança d'uma affronta, nem o estimulo d'uma desforra, nem a recuperção da honra vilipendiada, podem prodigalisar bases plausiveis e satisfactorias aos duellistas que, totalmente obcecados aos proprios dictames da consciencia e renitentes ás mais agudas e perspicazes aspirações da intelligencia, forcejam sómente fazer justiça por proprias mãos, quer seja esgri-

mindu uma lamina scintillante de Toledo e Damasco, quer aperrando e desfechando uma pistolla.

Um duello que se trave em uma nação culta e civilisada onde existem tribunaes e justiça, e em pleno seculo desenove, é uma vergonha, é um exemplo triste, tristissimo, é um escandalo morto e serio de que sempre se resentem as gerações por vir e isto tendo por causa, immediata, directa, primaria e necessaria, uma sociedade viciosa e desalmada.

O duello não é um, mas sim dois crimes de lesa-sociedade: o suicidio e o homicidio.

Que direito nos assiste a dispor da propria existencia e da de nossos semelhantes? Acaso não temos nós a vida emprestada com obrigação de cumprir um fim unico—*o bem, todo o bem e sómente?*—Pois não temos o restrictissimo dever de cuidar desveladamente pela conservação do nosso organismo aliás tão fragil e delicado? Pois não é o duello um costume barbaro, deshumano que só as hordas dos selvagens belipotentes poderiam acatar e render a mais lidima das homenagens?

Todas estas perguntas que aqui deixo formuladas bastariam, sem mais periphrases e considerações, para pôr em babilonica confusão os mais austeros e enraigados sectarios d'um tão torpe como hediondo crime, d'uma tão fatua como asnatica desforra.

Acaso succumbirá no duello o offensor e ceifará o offendido as viridentes palmas e os fragrantés laureis da limpidissima e inquebrantavel honra? Será o manejo das armas um meio brioso e lisongeiro de decidir questões de brios? Não! Nunca!

O duello exprimia, diz Filangieri, a glorificação do valor porque se nem sempre valia o direito o valor vencia sempre, e o valor era a justiça do barbaro. Effectivamente Filangieri pensava bem porque a justiça verdadeira e noble nunca pôde ter o seu tribunal no gume d'uma espada, o seu lemma na ponta d'um florete e o seu timbre na bôcca d'uma clavina.

Que importa grangear desprezos e antipathias ao seguirem-se as pisadas da moral, esse astro aurisplendente que reverbera mil esmeraldas de socego e tranquillidade e refaisca mil rubis de paz e satisfação...?

De que importa o crear inimidades se, já dizia Napoleão 1.º, que os homens eminentes medem-se pelo numero de seus inimigos? De nada! De nada!

A virtude e a moralidade das acções têm sempre em sua defeza uma logica percuciente, inconcussa, e cerrada como as mais espessas neblinas da brumosa tormenta; ostenta a tenacidade do ferro, a rigidez do aço, a dureza do dia-

mante e a consistencia do granito, porque é cimentada com o iris e a bonança da consciencia, unico juiz incorruptivel, unico tribunal indeclinavel, unica conselheira infallivel.

Alanceemos implacaveis e abysmos no tetrico pantheon do olvido—o duello—essa borrasca rancisonante, tumescente, rábida, estricula, que tanto virus lethal tem manuseado, e engrinaldemos de florões e ramalhetes no capitolio da gloria—a moral—esse alvor matutino que constella o firmamento da consciencia com orlas de brilhantes, esse arrebol sorridente, fausto, e mago que purpurea o horisonte com franções de nacar.

Purga, oh sociedade, hodierna, de teu seio toda a fermentação putrefacta do vicio que em ti borbulha, espadana e referve, que eu, qual aereonauta que alija todo o lastro, subirei sem peias aos espaços immensos apregoando em harmoniosos trilos, o teu lusimento perenne, inolvidavel, immorreidoiro.

Coimbra—19—4—88.

Francisco de Bourbon Peixoto.

## SECÇÃO LITTERARIA

### A CARIDADE

(Poesia feita para ser recitada por uma creança n'uma reunião de beneficencia, no dia da sahida do Senhor aos entrevados)

Dizem que no mundo antigo,  
Mundo carnal e pagão,  
Falso era o nome de amigo,  
Mentido o nome de irmão;  
Que na armi-potente Roma  
Era o mais precioso aroma  
De sangue de homens o odor;  
Que era objecto de enthusiasmo,  
Delirante, enorme pasmo,  
O que a nós nos causa horror!

Que dos circos nos recintos  
Tanto mór era o prazer,  
Quantos mais corpos extinctos  
Vissem na arena jazer,  
Pelas feras triturados,  
Pelo ferro degollados  
De gladiadores crucis!  
Eu só de lembral-o tremo,  
Este horror fundo, supremo,  
Todos, creio, sentireis.

E' que a doce caridade,  
Dilecta filha do ceo,  
Com a christã piedade  
A's nossas almas desceu;  
E' que um Deus veio e nos disse  
Com nunca ouvida meiguice:  
«Sois filhos do mesmo pae;

Amae-o, e, filhos queridos,  
Como irmãos estremecidos  
Uns aos outros vos amae.»

E depois, os pequeninhos  
Chamou a si e ameigou;  
Os velhos, os pobresinhos,  
Ao coração estreitou;  
Os ternos labios descerra,  
E a quantos soffrem na terra  
Vem suave conforto dar;  
Mostra a dignidade humana,  
Em sua afeição sob'rana  
Pondo-a em tam alto lugar.

Como é bello, como é grande  
Este amor celestial!  
Em que prodigios se expande  
Esta virtude immortal!  
Ao pobre tugurio corre  
Onde á fome e ao frio morre  
Innocentinho gentil:  
O tenrinho corpo aqueenta,  
E a tenue vida sustenta  
Com pão e caricias mil.

E' triste a velhice pobre,  
Tam dolorida e infeliz!  
Da caridade a mão noble  
A ampara, a alenta, a bemdiz.  
Ardentes lagrimas chora,  
Nesto abandono deplora  
A angustiada viuvez;  
Tem a caridade o encanto  
De enchugar-lhe o amargo pranto,  
Vestir-lhe a fria nudez.

Eis a pallida doença  
Que em febril enxerga jaz:  
Allivio na dor intensa  
A caridade lhe traz;  
Nem o asco do catre a afasta,  
Nem a ameaça nefasta  
De atroz contagio a detem;  
Nem o horror da negra morte  
A desvia do seu norte,  
Fazer sempre, sempre o bem!...

Da caridade os portentos  
Que lingua humana os traduz?  
Mas fallam os monumentos  
Inspirados por Jesus!  
Amphitheatros pavorosos,  
Templos de id'los mentirosos,  
Soberbos arcos triumphaes,  
Foram de outr'ora as grandezas,  
De orgulho, de erro e torpezas  
Padrões cridos immortaes.

Após da Cruz a victoria,  
Um mundo novo surgiu,  
E o prazer, o triumpho, a gloria,  
Em bemfazer consistiu.  
Erguer asylos, hospicios,  
Espargir mil beneficios,  
O mais alto brazão foi;  
Que do Golgotha a doutrina  
Fez, pura, santa, divina,  
De cada crente um heroe!

Sabeil-o vós, que nas almas  
O santo fogo sentis;  
Cuja fronte cingem palmas  
Da caridade gentis;  
Vós que do inferno á morada  
A visita suspirada  
De nosso celeste Pae  
Ainda hoje acompanhastes,  
E ternas provas deixastes  
Do amor que vos na alma vae.

De tanto coração grato  
A beneficios sem fim;  
—Porque o meu não é ingrato,  
Tambem com ardor de mim,—  
Recebei solemne preito  
De justiça e de respeito,  
Pela minha humilde voz:  
E as bênçãos de Deus bemditas  
Em róscio de immensas ditas  
Desçam do ceo sobre vós!

Porto, abril de 1888.

A. Moreira Bello.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

XXX

### Quebec, cidade ingleza na America

ITUADA na margem esquerda do S. Lourenço ergue-se esta importante cidade fortificada, com uma população de 63:000 habitantes, sendo a capital do Baixo Canadá.

E' sede d'um Arcebispado catholico e d'um bispado angelicano, possui bom arsenal, tribunal de justiça, collegio francez, escola classica ingleza, seminario, muitas escolas elementares e bibliotheca.

Entre os muitos edificios da cidade destaca-se a Cathedral Catholica, imponente no exterior e riquissima interiormente, e o Convento das Ursulinas.

Quebec teve a sua origem em 1508, com o estabelecimento d'uma colonia franceza, na posse de cuja nação esteve até 1629 em que foi tomada pelos inglezes, sendo restituída á França pouco depois, caindo de novo em poder dos inglezes em 1760, que a conservam ainda hoje.

XXXI

### O barbarismo no seculo das luzes

A nossa 2.ª gravura do passado n.º refere-se ás touradas, a esse estúpido divertimento, tanto do agrado de muita gente d'este seculo, que tanto falla em progresso e civilisação, e quando se

criam sociedades de beneficencia para os animaes.

Publicando esta gravura protestamos contra as touradas.

XXXII

### Pia baptismal da Sé de Braga

Ao entrar na vetusta Sé bracarense encontra-se a formosa pia que a nossa primeira gravura do presente n.º representa, mandada fazer, segundo as melhores probabilidades pelo arcebispo D. Diogo de Souza, nos principios do seculo 16.º

Esta pia, ainda que de pedra que se não presta a grandes labores, é comtudo de grande merecimento pelos ornatos, desenho e bom gosto que lhe imprimiu o auctor.

Figurou o artista na base os perigos que soffre a infancia antes de receber as aguas do Baptismo, ornando-a com quatro grupos de leões devorando creanças. A meia altura do pé veem-se, sentados sobre peanhas oito creanças, esperando a occasião de se refugiarem nas aguas salvadoras, e no espaçoso bojo da pia, são tantos, entre arabescos, os pequenos infantes, que bem parece querer o artista mostrar as alegrias de tantos entesinhos por se verem perto do que tanto anhelam.

E' pois digna de ver-se esta formosa pia.

XXXIII

### Em peregrinação

Não raro em idos tempos o viandante deparava pelos tortuosos caminhos, arrimado ao bordão de peregrino um pobre homem, cançado, falto de forças, que, em satisfação d'um voto caminhava a pé de um a outro extremo da terra para visitar piedosamente os santos lugares. Sem recursos muitas vezes, era-lhe providencia o convento onde achava sustento e franco gazalhado. A nossa segunda gravura d'hoje representa um d'esses devotos peregrinos, postado á porta do mosteiro aguardando occasião de entrar para reparar as perdas forças com o sustento reservado aos pobres, com a cama preparada para os viandantes.

Hoje tem sido fechadas as portas do convento e as peregrinações já se não fazem como então; hoje peregrina quem tem dinheiro.

XXXIV

### Templo de Elorá, na India

Abundam na India restos de magni-

ficas edificações, que o paganismo levantara aos idolos, sendo uma das mais importantes e que mais chamam as atenções dos viajantes, as do templo de Elorá, que a nossa gravura representa.

Desmoronado o paganismo cairam por terra tambem os seus templos, para deixar amplo lugar ás formosas construcções dos templos catholicos consagrados ao verdadeiro Deus.

R.

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

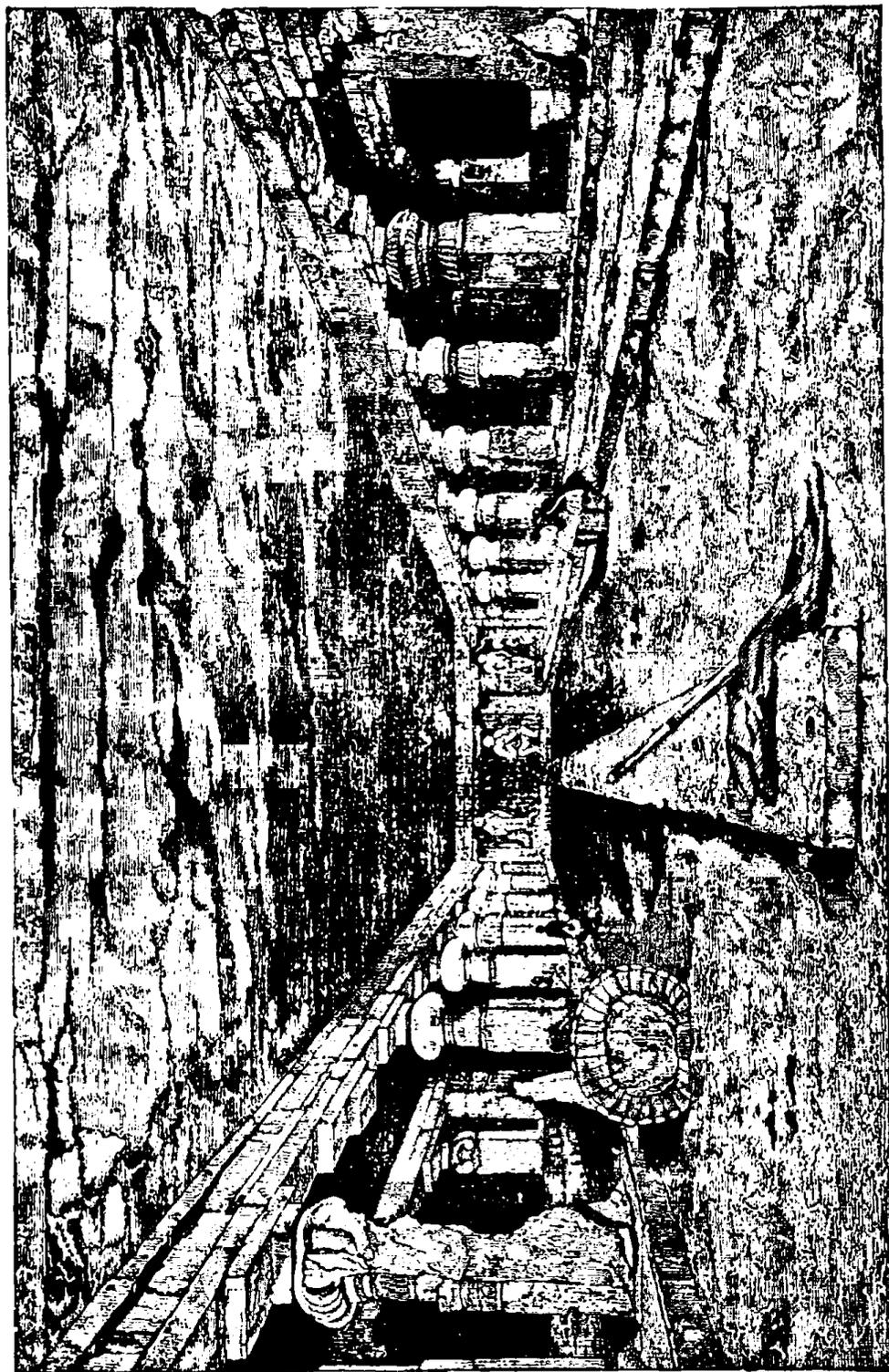
### Cancioneiro de Leão XIII

o meio d'esse diluvio de maus periodicos e maus livros que inundam o paiz, e que, por desgraça, encontram encomiadores, propagadores e leitores, o apparecimento d'um bom livro deve ser entusiasticamente recebido por todos os que bem pensam e bem sentem. E quando exornam esse livro nomes justamente prestigiosos; quando á excellencia da ideia n'elle se unem a belleza da forma e a perfeição da arte, é caso para os amantes das boas letras se darem os parabens e os endereçarem tambem a quem curiqueceu com uma preciosa gemma a litteratura patria.

Abraios o *Cancioneiro* com cujo titulo principal epigraphamos este artigo, e logo no frontispicio leremos dois nomes queridos dos catholicos portuguezes: o de Leão XIII, Papa admiravel e providencial, e o do rev.º Padre Joaquim José d'Abreu Campo Santo, virtuosissimo sacerdote, mimoso poeta e prosador d'uma correcção e brilho hoje pouco vulgares.

N'este esplendido livro colleccionam-se os versos latinos e italianos de Sua Santidade,—notaveis e admirados pelos doutos como modelos de linguagem classica, belleza de metrificacão e elevação de pensamento,—acompanhados da sua traducção em rima portugueza pelo rev.º Campo Santo, o qual precedeu o seu tam dillicil quam victorioso trabalho d'uma longa e encantadora biographia do amado Pontifice, a qual seria sufficiente para carear-lhe foros de escriptor distincto, se os seus titulos e direitos a tal nome não estivessem já de ha muito bem firmados.

Para completar os predicados que atraz assignalamos como dignos de ardentos emhoras, a parte artistica do livro é uma maravilha: adorna-o um nitido retrato em phototypia de Leão XIII; é impresso em formoso typo elzivir sobre magnifico papel acartonado; o frontispicio, encimado pelas armas pontificias, é de apurado gosto em estylo re-



TEMPLO DE ELORA, NA INDIA

nascença, bem como as tarjas a cores que enquadram cada pagina. E' tudo, n'uma palavra, um primor, e gloria-mo-nos em dizer que é portuguez.

Do merito das poesias originaes não

ousaremos fallar por incompetente: falla na biographia, como conhecedor profundo que é, o illustre biographo, fazendo alevantados elogios ao sapientissimo Pontifice-Poeta, Das bellezas da

traducção quem poderá duvidar, sabendo que o distincto traductor é versadissimo nas duas linguas originaes e na lusitana, e, demais d'isso, poeta eminente?

Daremos porem alguma amostra, colhida ao acaso n'aquelle dulcissimo jardim de flores poeticas. Lêa-se esta piedosa poesia, intitulada *Na tentação*:

Quando com torpe anhelito  
Infernal anjo obsceno,  
Tramando eterno exicio,  
Te insullio atroz veneno,

E assombre já do animo  
A ingenita candura;  
Sua! erguo mente e espirito  
A' Virgem sempre pura.

Reja o pudor as palpebras,  
Perle-as do pranto o brilho,  
E á Virgem-Mãe diz supplioe:  
Maria, sou teu filho!

Os ais depois convertam-se  
Em lastimoso grito:  
— Em ti confio, salva-me,  
O' Mãe, no atroz conflicto.

Nasci p'ra o ceo, da angelica  
Turba sou coherdeiro;  
Da orença o patrimonio  
Quero guardal-o inteiro.

Ceda Asmodeu esqualido,  
O' Virgem casta e pia,  
E da mais leve macula  
Preserva-me, ó Maria. —

Saboreie-se ainda est'outra, dirigida a *Galio*, e repleta de tam ternas exprobações e tam amoraveis conselhos:

«Ai, Galio, que loucura! Em vil modorra jazes,  
Em requebros venaes, delicias fugazes:  
Será isto viver? E's homem ou que és?

Rara seda gentil, frouxel da puberdade,  
A's faces te apontava e a tua liberdade  
Captivada por Chloé de Chloé jazia aos pés!  
Cresceste e a par orecceu paixão que te hal-  
lucina:

De Philis o impudor, donaires de Corina  
Ateiam mais e mais o teu insano amor.

E quando, por idade e vicios alquebrado,  
Deve um futuro bom remir o mau passado,  
Vem-te a astuta Nigella infame jugo impor!  
Terá a torpeza fim? Ergue-te d'esso lodo,  
Rompe esse laço vil, cospe o lethal engodo.  
Hesitas?... Vees fur nos torpes gynecceus?

Então, adens, ó Ceo, adens, docu esperança,  
Vae-se teu anjo bom e Lucifer avança:  
Depois... a ainarga morto e a colera de Deus!

Não queremos exceder as raías de um artigo, e por isso pararemos aqui; mas não o faremos sem recommendar, embora sem auctoridade para isso, tam formoso livro aos catholicos, e sem dirigir merecidos louvores ao illustre biographo e traductor de Leão XIII pelo seu apreciabilissimo trabalho, á Typographia Occidental do Porto pelo primor da execução artistica, e ao benemerito editor catholico o snr. Manoel Malheiro pelo modo brilhante e delicadissimo porque, com esta luxuosa e esplendida publicação, commemorou o fausto jubileu sacerdotal do grande Pontífice que ora rege a Igreja de Deus.

A. B.

## RETROSPECTO DA QUINZENA

**F**ez agradável impressão em Roma e no animo do Pontífice Rei a peregrinação portugueza, composta de todas as classes da sociedade, representando todo um povo que timbra de catholico e que, como filhos dedicados da Santa Igreja, quereriam todos manifestar sua fé e sua adhesão á Cadeira de Pedro, prostrando-se reverentes diante de Leão XIII, o Pae commum de todos os filhos de Jesus Christo.

Os peregrinos tendo chegado a Lourdes no dia 18 de abril ás 7 e meia da manhã, onde S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> o Snr. Arcebispo de Larissa celebrou e deu a communhão, fizeram a sua entrada na cidade eterna no dia 23, em tres grupos, chegando no ultimo o Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> o Snr. Arcebispo de Larissa, que foi esperado pelos peregrinos que já estavam em Roma, e pelo nosso embaixador junto da Santa Sé e todo o pessoal da embaixada. O Snr. Conselheiro Martens Ferrão tinha alcançado o palacio de Latrão para alojamento dos peregrinos que ali quizessem acolher-se, e muitos ali foram conduzidos em carroagens fretadas por S. Ex.<sup>a</sup>

O Snr. Arcebispo de Larissa foi hospedado em Santo Antonio dos Portuguezes, com as pessoas que o acompanhavam.

Na quinta feira 26 foram os peregrinos recebidos em solemne audiencia, por Sua Santidade. A audiencia teve lugar na Sala Ducal, onde Sua Santidade chegou depois do meio dia, precedido pela Guarda Suíssa em grande uniforme e pela sua nobilissima Corte, em meio de grandes aclamações e vivas. Acompanhavam o Santo Padre os Em.<sup>mos</sup> Cardeaes Rampola, Schiastino, Ledokowchi, Vanutelli, Aloisi-Mazella, Palotti, Martel, e Mazzotti.

Logo que Sua Santidade tomou assento no throno leu S. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> o Snr. Arcebispo de Larissa a seguinte mensagem, em portuguez:

«*Santissimo Padre:*

«Eis que chegamos tambem nós, os Portuguezes, para recebermos Vossa Benção Apostolica, e, face a face, Vos felicitarmos e aclamarmos, n'esta occasião solemne em que o orbe catholico celebra, alegre e jubiloso, Vosso jubileu Sacerdotal.

«Não somos os primeiros, nem tão pouco somos os ultimos; viemos quando pudemos vir; mas viemos, como deviamos vir, e era de esperar que viessemos; por quanto a nenhuma outra nação cedemos no amor e dedicação para com Vosco e para com a Religião de

que sois na terra o Primeiro e o Summo Sacerdote.

«Este amor e dedicação sempre nos acompanharam em tempos felizes e prosperos e nunca nos abandonaram na fortuna adversa.

«A historia ali está a attestar bem claramente que os portuguezes foram um povo illustre entre os povos que deixaram após si clarissimos vestigios de grandes feitos e esplendidos monumentos de glorias immortaes, a maior parte d'ellas immaculadas.

«Foi porem principalmente a fé que lhes deu coragem e accendeu os brios, para poderem levar a cabo tão alevantadas acções; nem de melhor titulo de gloria se honram elles, que do de haverem contribuido, mais que nenhum outro povo christão, para annunciar, diffundir e firmar a doutrina de Jesus Christo entre os pagãos da Asia, os barbaros da Africa e os selvagens da America.

«Não é por isso sem justiça que as nossas glorias, repercutidas continuamente nas paginas da historia, ainda hoje se fazem, e para sempre se farão ouvir em nosso louvor; mas, alem dos eloquentes testemunhos da historia, as coisas e os factos bem mostram ainda que não desdissemos inteiramente de nosso passado; porque, se na Asia e na Africa ainda fluctua a bandeira das Cinco Chagas, dóce symbolo da patria e do nosso dominio, junctamente com ella, perto d'ella, e até mesmo longe d'ella, se levanta ali tambem, sustentada em nossos braços, a Bandeira da Cruz, symbolo sacrosanto da verdadeira Religião, por cuja propagação tanto trabalhamos.

«Como nação poderosa e dominadora, não somos hoje, ainda mal, se não sombri do que fomos, se nos compararmos com nosso glorioso passado; mas não deixámos por isso de continuar a ser um povo verdadeira e profundamente catholico; e se, como outr'ora no tempo de D. Manuel, o Venturoso, não podemos trazer-Vos aqui as primicias de nossas descobertas e conquistas, trazemos-Vos ao menos, illibada, viva e ardente, a fé que herdamos de nossos maiores.

«No meio de nosso abatimento, sobram-nos ainda grandes elementos, mediante os quaes e o favor de Deus, de novo poderemos voltar a ser grandes e a bem merecer mais ellicazmente da Religião e da patria. Taes são nossos votos e desejos. Secundae, Sanctissimo Padre, esses votos e desejos com Vossa Benção Apostolica!

«Abençoe, pois, o Rei Fidelissimo, a Rainha e os nossos Principes, todos os quaes com muito interesse me encarregaram de novamente Vos felicitar em seu nome, e de outra vez testemunhar em Vossa Presença os seus sentimentos

de muita dedicação para com Vossa Sagrada Pessoa.

«Abençoe os Bispos portuguezes, e concedei uma Benção especial ao Bispo de Lamego, um Varão veneravel, já gasto pelos annos e pelos trabalhos.

«Abençoe, em fim, todo o Clero e povo portuguez, dos quaes somos tambem agora perante Vós como que embaixadores, para mostrarmos e protestarmos solemnemente a Vossa Sanctidade a sua firmíssima adhesão á Cadeira de Pedro, e a sua omnimoda obediencia ao Vigario de Christo na terra.»

Esta mensagem foi apresentada tambem em latim ao SS. Padre, que se dignou responder a ella da maneira mais lisonjeira para Portugal (o discurso de S. Santidade foi aqui publicado no passado n.º), sendo saudado calorosamente por todos os peregrinos quando terminou.

Depois ergueu-se de novo S. Santidade e com acento ternissimo, com os olhos e as mãos elevadas ao céu pronunciou o *Sit nomen Domini benedictum, e Adjuvorum nostrum in nomine Domini*, dando em seguida a Benção Papal, no fim da qual eccoaram na sala grandes salvas de palmas, e entusiasticos vivas.

N'esta occasião entregou o Ex.º Arcebispo de Larissa o obolo recolhido nas varias Dioceses do reino, sendo em seguida admittidos ao osculo do sagrado pé os membros da Commissão e varios peregrinos.

Tiveram tambem os peregrinos portuguezes a honra de assistir a uma missa celebrada pelo Santo Padre na Capella Sixtina, servindo-se o Santo Padre n'essa occasião do calix offerecido pelos reis de Portugal.

No dia 28 eram recebidos os peregrinos em audiencia especial na esplendida sala Clementina, onde S. Santidade entrou ás 6 horas da tarde, dando a beijar a sagrada mão a um por um dos peregrinos, e dirigindo a todos palavras de consolação. No meio da sala deu o SS. Padre a Benção Papal, deu as despedidas aos peregrinos e retirou-se entre ovações e aclamações dos bons portuguezes, que quasi penetravam nos aposentos particulares do Santo Padre, no delirio do seu amor filial.

Domingo 29 visitaram os peregrinos as 7 basilicas, e no mesmo dia dava o Snr. Conselheiro Martens Ferrão um jantar ás pessoas gradas da peregrinação.

A peregrinação encerrou-se na segunda feira 30, com um solemne *Te-Deum* em Santo Antonio dos Portuguezes, onde S. Ex.º R.ºº o Snr. Arcebispo de Larissa fez uma allocução aos peregrinos, louvando e animando a sua fé.

Depois do *Te-Deum* os peregrinos dirigiram-se á praça de S. Pedro, onde se photographaram em grupo.

Tem estado em Vizella a uso de banhos o venerando Prelado portuense, Em.º e R.ºº Snr. Cardeal D. Americo.

Fazemos votos ao Céu porque sejam propicias a S. Em.º R.ºº as medicinaes aquaes e que vigorizem uma saude que tão necessaria é para os interesses religiosos da Diocese portuense, para o grande seminario dos Carvalhos, fundação de S. Em.º e para todos que de tão bondoso Prelado recebem os influxos da mais santa virtude—a caridade.

O *Peregrino de Lourdes*, jornal dos Acores, dedicou o seu numero de 28 de abril ao 16.º anniversario da sagradação episcopal do seu querido Prelado o Ex.º e R.ºº Snr. D. João Maria do Amaral e Pimentel, tarjando de gala todas as suas paginas e publicando artigos de alegre congratulação.

Cumprimos tambem S. Ex.º R.ºº por tão memoravel dia.

As Irmãs de Caridade teem lá por fóra muitos jornaes que as defendem, que elevam suas virtudes, e que as apresentam ás multidões como os verdadeiros typos da caridade christã. Em Portugal é raro encontrar-se um jornal politico que dedique a essas santas mulheres palavras de louvor e reconhecimento, e por isso nós, quando algum d'esses jornaes diz a verdade com respeito a esses anjos de caridade, archivamos suas palavras e d'ellas nos tornamos ecco.

Dois jornaes vieram agora depór a favor das nossas Irmãs Hospitaleiras. O primeiro foi o *Diario Illustrado*, de Lisboa, fallando da actriz Anna Pereira, uma infeliz que, descontente da vida que levava, tentou por termo a seus dias envenenando-se, mas que não pôde logo satisfazer os seus desejos, ficando seriamente doente.

Eis o que o mencionado *Diario Illustrado* escreve em seu n.º de 4 de maio:

«Hontem o estado de Anna Pereira, se não era satisfactorio, comtudo não parecia desesperado.

Como se prolongassem as constantes vigílias das suas enfermeiras incansaveis, mãe e cunhada, as irmãs da caridade portuguezas, do convento das «Trinas», desde terça feira passada velam durante as noites junto de Anna Pereira, tratando-a com o maior carinho e desvellos.

Vimol-as hontem á noite no seu labor huminatório, e não deixou de nos impressionar a maneira distincta como desempenhavam o seu desinteressado mister de enfermeiras.

Anna Pereira conhece o seu estado,

e conversa com amabilidade e respeito com aquellas santas mulheres, que fazem uma sentinella nocturna, como o mais exemplar soldado no seu posto, sem outra mira mais do que bem servir a religião que professam.»

Recebam lá, senhores inimigos das Irmãs da Caridade, e os que não veem n'ellas virtudes sublimes, esta franca confissão, que todos fariam se conhecessem de perto estas heroínas.

A confissão do *Diario Illustrado* é referente ás Irmãs enfermeiras; vae agora depór a favor das Irmãs da mesma ordem, mas das Irmãs professoras, a *Religião e Patria*, jornal tambem politico e da mesma politica do *Illustrado*.

Fallando das escolhas da Irmandade dos Santos Passos em Guimarães, diz este nosso collega o seguinte:

«N'este estabelecimento, e para o sexo feminino as professoras são Irmãs da Caridade, e essas escravas do bem que a sociedade em grande parte repele, mostram assim aos olhos de todos, e com a modesta resignação que as caracteriza, os beneficios que dispensam.

Da aula que vimos fallando foram já este anno plenamente approvadas no lyceu de Braga sete meninas em exame complementar, e muitas meninas se acham habilitadas para fazer em Guimarães exame elementar.

Não terminaremos sem exaltar aqui o muito carinho e intelligencia das distinctas irmãs Maria da Providencia, Directora e Superiora; Conceição, professora de ensino complementar; Innocentes, professora de ensino elementar; e Sameiro, professora de musica, bordados a brauco, maliz, ouro e flores.

A estas respeitaveis senhoras enviamos pois as nossas felicitações, bem como a todos os cavalheiros que pertencem áquella tão distincta Irmandade.»

Ora ahí ficam dois testemunhos insuspeitos a favor das Irmãs Hospitaleiras, testemunhos que confirmam o que por vezes d'ellas temos dito, porque as conhecemos como enfermeiras e como professoras.

E porque fallamos de escolas, e de escolas dirigidas por Irmãs de Caridade, de que tantas vezes temos fallado como o louvor merecido,—temos de fazer uma rectificação á noticia que demos no passado n.º, referente ao collegio de Santa Quiteria.

Quando dissemos que *Guimarães, n'isto de collegios e casas de instrução não está muito longe do Suajo e S. Miguel do Monte*, só nos referiamos a collegios de rapazes, pois que era de rapazes que se tratava, porque para meninas, ainda que propriamente dito não haja um collegio em forma para alumnas internas, todavia, a escola dos Santos Passos tem pessoal professional

bastantemente habilitado para um collegio de primeira ordem, e as escolas de S. Francisco, se tivessem casa apropriada, podiam tambem transformar-se em um magnifico collegio, n'um formoso internato, que, preenchendo uma lacuna que ha em Guimarães, poderia até dar alguns proventos á Ordem, se ali entrassem muitas meninas que estão em collegios de fóra.

Estas duas casas podem prestar grandes serviços á instrucção, mais ainda do que os que já prestam.

Um deputado qualquer apresentou e leu á camara a representação approvada no comicio anti-jesuitico realisado no domingo (um domingo qualquer).

E o Snr. ministro da justiça, *declarou que o governo puniria, logo que tivesse conhecimento, todos os actos attentatorios do regimen liberal, e que faria cumprir as leis relativas ás congregações religiosas.*

Muito bem, muito obrigado!

Mas bom era que S. Ex.<sup>a</sup> punisse todos os actos attentatorios, que se estão praticando á luz do dia, contra todas as leis, contra os sentimentos catholicos do bom povo portuguez, contra o nome d'esta nação fidelissima. Não saberá S. Ex.<sup>a</sup> que não é permittida a maçonaria em Portugal? e não saberá tambem que ella se apresenta publicamente, tomando parte até nas regias festanças? Pois se o não sabe aqui lhe offertimos a seguinte noticia que o *Diario de Noticias* dava, fallando da chegada a Lisboa do rei da Suecia, que veio visitar o seu amigo de Portugal.

Ora leia:

«O vapor *Lusitano* em que ia, como dissémos a Maçonaria portugueza representada por grande numero de membros do Oriente Lusitano Unido, largou da ponte do Caes do Sodrê ás 10 horas, seguindo rio abaixo até perto de S. Julião da Barra, onde esperou alguns momentos a aproximação da *Freja* que conduzia o rei Oscar.

«De bordo do *Lusitano* todos os cavalleiros que ahi se achavam reunidos trajados em grande gala e revestidos dos seus emblemas, e insignias d'aquella ordem, saudaram ao som do hymno sueco o grão mestre da maçonaria sueca, o qual, de pé, á pópa e com a cabeça descoberta, saudou tambem fraternalmente os maçons portuguezes, fazendo os gestos e signaes do ritual e invocando o auxilio do S. A. do U. a favor de Portugal.

«Levantaram-se então successivos hurrahs, que foram correspondidos ao som do hymno portuguez.»

Para estas funestissimas associações não haverá rigores; são todos os rigores contra os jesuitas e contra os frades!...

O que vale é que esses rigores, essas fanfarronadas já não mettem medo a pessoa alguma, e, como disse o Ex.<sup>mo</sup> Marquez de Castello Melhor, hade continuar a haver jesuitas.

Não é costume nosso dar confiança a certos *pequenos* que por este mundo de nosso Senhor teem por grande sciencia dizer mal das Irmãs da Caridade; mas como alguém pôde tomar o nosso silencio, ás vezes, por medo de nos atirarmos ás taes *creanças*, vamos hoje dirigir-nos ao *Correio de Pombal*, jornalco immundo da villa de Pombal que, á falta de outro officio, berra das Irmãs, dos Padres, da Igreja, com o mesmo resultado, já se entende, com que a pequena canzoada ladra á lua.

No seu n.º de 10 de maio berrava de umas irmãs de caridade, que em Paris foram chamadas aos tribunaes, por praticarem acções indignas, immoralidades sem conta, etc. etc. Mas o que o tal *Correio* não sabe, e não sabe porque não sabe nada d'este mundo; o que o tal correio não sabe é que a policia em Paris, descobriu ha tempos umas falsas irmãs, umas infamissimas exploradoras, que, com o nome de irmãs de caridade tentavam contra a credulidade publica, escamoteando grossas quantias, que empregavam no que melhor lhes aprazia, que não em socorrer os pobres como ellas inculcavam. Ora são justamente estas mulherzinhas que os tribunaes puniram, vingando as boas, as verdadeiras Irmãs de Caridade, que o canalhismo da França, que não é peor do que o de Portugal, quer por todos os modos infamar.

E' esta a verdade, e o *Correio* se tivesse dignidade, teria completado a noticia, o que esperamos nem agora fará, porque conhecemos os fins com que escrevem certos jornalcos da nossa boa terra portugueza.

Diz um jornal de Lisboa que as benemeritas Irmãs Hospitaleiras vão servir nos hospitaes de Faro, Tavira, e Lagos, cidades do Algarve.

Parabens aos doentes e ás direcções das tres casas de caridade.

Para *consolação* dos philanthropicos cidadãos que nas diversas terras do paiz se esfalfaram para ajudar a amontoar sommas fabulosas (mais de cem contos de reis) para as victimas do Baquet, sem se lembrarem das miserias que tem nas proprias terras, damos-lhe copia do seguinte annuncio publicado no *Primeiro de Janeiro*, n.º 116, de 9 de maio:

#### «O DESASTRE DO BAQUET

Joaquim Gonçalves Prata, ex-guarda dos camarotes de 1.º ordem do extincto theatro Baquet, vendo-se inutilizado

de uma perna, por effeito da terrivel catastrophe, implora a caridade publica.»

Vá sem commentarios, e só como presente aos philanthropicos.

O Congresso internacional scientifico de catholicos, que ha pouco se reuniu em Paris, concluiu já as suas sessões, nas quaes foram tractadas todas as questões que hoje occupam a sciencia, mostrando os congressistas que a fé vae sempre illuminar todas as grandes emprezas da humanidade.

Para se ajuizar da importancia d'este Congresso e da competencia dos catholicos que a elle assistiram basta saber-se que se tractaram as seguintes materias:

*Philosophia.* Revd.º Padre Gmeiner. *Exame da doutrina de Herbert Spencer sobre a evolução.*

Mr. A. de Margerie. *A moral e o evolucionismo.*

*Historia.* O Padre Clerval. *O Heptateuchon de Thierry de Chartres.*

O Conde Bourbon Liguieres. *A missão de Joanna d' Arc.*

*Antropologia.* Mr. Malbranche. *A evolução, seus principios e sua impossibilidade.*

O Padre Ilamard. *Resposta a duas objecções sobre o monogenismo.*

*Sciencias religiosas.* Mr. Robiou. *Estudo sobre a religião christã.*

O Padre Loisy. *Traducção e commentario d'um texto cuneiforme.*

O Padre Bourdais. *Investigações sobre a fundação de Babylonia.*

Mr. Fournier de Flaix. *Estatistica das religiões.*

*Direito natural.* Mr. Rivalta. *Principios da moral e do direito.*

Padre Baudier. *As theorias de Georges sobre a propriedade.*

*Sciencias naturaes.* Mr. David, lazarista. *A fauna chinesa.*

Mr. Lapparent. *Formação da crusta terrestre.*

Padre Smets. *Um grande sauriano fossil descoberto nas areias de Aix-la-Chapelle.*

Padre Hy. *Estudo sobre a natureza dos lichens.*

*Philosophia.* Mr. Huit. *Critica do pessimismo.*

Mr. Pivert. *O acaso.*

*Historia.* Mr. Kurth. *Estudo sobre as fontes da historia de Clovis.*

Padre Batiffol. *Um apocrypho do A. Testamento. O casamento d'Aseneth.*

Barão Kervyn. *Estudo sobre os ultimos momentos de Maria Stuart.*

*Antropologia.* Mr. Ubaghs. *Epoca da apparição do homem sobre a terra.*

Conego Duilhé. *O elemento psychico na antropologia.*

Mr. Arabin. *O homem terciario.*

J. de Freitas.